

LIBANIO, J.B. - MARTINS FILHO, Miguel: *A busca do sagrado*. -São Paulo: FTD, 1991. 120 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0409-0

No ano de 1991, a Editora FTD começou um louvável projeto. Trata-se da coleção "Biblioteca de Ensino Religioso" que tem por objetivo oferecer livros de fácil leitura para professores de religião das escolas. Estas publicações pretendem fornecer subsídios de trabalho e informação atualizada sobre assuntos religiosos.

*A busca do sagrado* forma parte desse projeto. Poderia ser catalogado como um ensaio de fenomenologia da religião. Numa linguagem carregada de poesia, os AA. desenham, de maneira simplificada, a evolução da religião na história da humanidade. No livro, os termos "sagrado" e "religião" são usados praticamente como sinônimos, fazendo próprias as conclusões do conhecido fenomenólogo da religião R. Otto (12ss).

Na articulação dos capítulos, pode-se intuir facilmente o fio condutor da proposta dos AA. No primeiro capítulo, falam-nos de "quando tudo era sagrado", isto é, do sagrado nas sociedades que alguns antropólogos costumam chamar "tradicionais". No segundo capítulo, percorrem o caminho de "quando o sagrado se eclipsa". Para os AA., a eclipse do sagrado deve ser colocada junto do surgimento do mundo moderno, secularizado no seu pensamento científico-filosófico e na sua práxis social. Mas, como acreditam que o sagrado pertence à estrutura simbólica do ser humano (cf. Introdução, 6-7), no capítulo terceiro explicam como "o sagrado se vinga" hoje, entre nós, da ditadura prometeica da razão moderna. Eis alguns exemplos: os concursos de beleza, o psicodelismo, os filmes de violência... Outros sinais são os surtos de esoterismo nos setores burgueses, ou o sentido sagrado da luta libertadora em alguns grupos populares cristãos. Ao nosso entender, esta é a melhor parte do livro para a finalidade da coleção.

No capítulo final, os AA. propõem a maneira de viver corretamente a experiência do sagrado. Isto acontece "quando o sagrado se integra". A palavra "integração", emprestada da linguagem da ciência psicológica, resume tal proposta. Já que o sagrado pertence à estrutura aberta do ser humano (85-94), eleva-se na verdade como resposta existencial à felicidade que toda pessoa busca. O sagrado não remete de maneira alguma ao "outro mundo". Inspirados na sua fé cristã, os AA., pelo mistério da encarnação, reconhecem em Jesus o valor que entranha a união da carne humana com o Espírito divino e todas as conseqüências para uma práxis comprometida que daí decorrem (98-113).

Gostaríamos de fazer algumas observações finais. Primeiro sobre o conteúdo. No texto faltou desenvolver uma interessante afirmação feita na pág. 18, sob o título "Dupla atitude do cientista": "Um cientista irrompe para dentro do universo do sagrado e vai lhe rasgando a veste santa... Outro cientista, porém, com os avanços da ciência se extasia

ainda mais...”, etc. De fato, no livro fica uma idéia unilateral do cientista como dessacralizador. Uma outra observação: faltou trabalhar o que, a meu ver, constitui os “sagrados travestidos” mais significativos hoje em dia: a burocracia tecnocrática, a psicoterapia e o movimento ecológico. Em fim, numa segunda edição, seria mais justo não colocar sob o título indiscriminado de “seita” as Igrejas cristãs como a luterana, a batista, etc. (77).

Em segundo lugar, algumas observações sobre a diagramação. A editora tentou quebrar um pouco a concepção tradicional, não justificando a margem direita do texto. Creio que dificulta a leitura. As citações de textos não poéticos deve ser feita até a margem direita, de maneira que se distingam bem das citações de poesias.

P.M.F.

---

COMBLIN, José: *Paulo: trabalho e missão*. - São Paulo: FTD, 1991. 88 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0405-8

HOORNAERT, Eduardo: *O movimento de Jesus*. - São Paulo: FTD, 1991. 110 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0420-1

São dois pequenos livros de uma coleção que a FTD de São Paulo lançou para professores de Escola Secundária e alunos mais adiantados. É uma catequese mais avançada. Pretendem ser publicações em que se conciliem atualização da temática, estilo simples e direto, teor acessível a quem não frequenta o mundo teológico, maneira interessante e provocativa trabalhada por autores de porte.

Os dois livros que apresentamos realizam perfeitamente tais condições. *J. Comblin* é personagem amplamente conhecido no mundo teológico brasileiro e internacional, com abundantes publicações. Apresenta a pessoa de Paulo numa visão original, provocante, fora dos padrões tradicionais, contudo, bem fundamentado.

Escolheu duas chaves de interpretação para ler a vida, atividade e teologia paulina: o trabalho e a missão. Mostra que no tempo dos apóstolos houve duas maneiras de encarar a vida missionária em relação à própria sustentação. Uns deixavam-se sustentar pela comunidade. A justificativa teológica aparece nas palavras de Jesus quando diz que o operário é digno de seu salário. Paulo não critica tal posição, mas não a assume. Ele mesmo quer sustentar-se a si mesmo e não ser peso para os seus irmãos. Dedicou-se ao trabalho de fazer tendas.

Esta opção que parece puramente pragmática tem enorme repercussão na sua vida missionária. Se ele fosse sustentado pela comunidade, ligar-se-ia às famílias mais ricas da época e não teria a liberdade que sempre quis ter. Por este lado, recusou a sustentação por parte da comunidade. Além disso, o trabalho o fez experimentar de perto essa realidade humana e aproximá-lo mais dos trabalhadores. De dentro dessa experiência, pôde refletir no evangelho de Jesus.

J. Comblin salienta também a enorme independência de Paulo no referente à sua vocação. Não pede confirmação de ninguém. Não confere com ninguém seu conteúdo. Faz derivá-la do Senhor, da sua experiência e fé na ressurreição de Cristo. Fé que tinha

sido preparada pela condição de fariseu que acreditava na ressurreição dos mortos, diferentemente da classe sacerdotal e dos proprietários (saduceus). Era a fé dos pobres.

O traço teológico central é confiar na força do pequeno, do fraco e não da sabedoria, da retórica, da cultura dominante. É confiando em tal força que se lança à vida missionária e tem, por sinal, enorme sucesso na sua única grande viagem missionária (At 15,36-19,22), após uma primeira viagem missionária experimental (At 13, 4-14;28). As comunidades que fundou vão sobreviver.

Essa condição de trabalhador permite a Comblin de considerá-lo o primeiro e maior missionário leigo do cristianismo, mostrando a riqueza dessa possibilidade eclesial, hoje praticamente pouco valorizada. Missionário e clero se identificaram no concreto, enquanto em Paulo a qualidade de missionário pôde assumir aquelas alturas, em grande parte, por ter sido leigo, trabalhador com suas mãos, consciente de sua vocação em liberdade e autenticidade.

A fórmula lapidar que condensa a visão missionária de Paulo encontra-se na Carta aos Gálatas: Não há mais diferença entre judeu e grego (3, 28): a superação de Israel pela gratuidade de Deus na sua forma mais radical. Nesse contexto surge a importância da fé como resposta à gratuidade de Deus. Para Paulo, diante de Deus ninguém tem título de glória. Todos são iguais na condição de pecadores e agraciados por Deus.

O livro é extremamente interessante. Vale a pena de ser lido. Estilo corrido, claro, contundente, simples. Permite ao leitor entrar na problemática paulina em profundidade. Não tem nenhum aparato científico, mas certamente baseia-se em estudos sérios. Deixo aos especialistas a discussão das principais teses de Comblin. Certamente polêmicas.

O segundo livro é de *E. Hoornaert*. Conhecido historiador da Igreja com muitas obras publicadas. Livro direto, forte, marcado por uma posição nítida de leitura da realidade histórica desde os pobres. Estuda Jesus no contexto dos movimentos de seu tempo. Inicia apontando as cinco fontes históricas que nos permitem ter acesso a Jesus: a tradição interna das comunidades, codificada nos evangelhos; escritos de Flávio Josefo; Filon de Alexandria; escritos das comunidades de Qumram; escritos do historiador romano Tácito. Descreve em seguida a situação colonial em que vivia a Palestina no tempo de Jesus, salientando sobretudo o poder econômico e político do templo além dos poderes de Herodes e dos romanos. Apresenta o quadro da Palestina de Jesus como de anomia, em que nada realmente funcionava. Nesse contexto, estuda a questão dos impostos e das reações populares, sobretudo dos camponeses. Um capítulo é dedicado às quatro respostas religiosas para esta situação: fariseus, saduceus, zelotes e essênios. São dados conhecidos, mas apresentados de maneira sucinta, clara e percuciente.

Contra esse fundo sócio-histórico, retrata o movimento de Jesus. Na base está a experiência pessoal de Jesus, retratada especialmente nos Sinóticos. De Jesus surge o movimento apostólico e missionário com traços característicos: opção pelos pobres, inserção na tradição bíblica, caráter rural e constituído por adultos jovens.

A experiência de Jesus e do seu movimento recebe interpretações diversas, dando conotações diversas aos múltiplos tipos de cristianismo que vão surgir.

Em relação aos outros movimentos, o movimento de Jesus parte da eleição dos pobres no plano de Deus, adota a não-violência, assume uma atitude crítica frente ao templo, recusa os messianismos.

Na última parte do livro, o A. estuda diversas formas do Cristianismo: de Jerusalém, de Éfeso, da Síria e do Egito, do Mediterrâneo ocidental com interessantes considerações e observações históricas.

Percebe-se que o livro não é escrito por um exegeta mas por um historiador desde a perspectiva dos pobres. Essa dupla condição define os traços mais importantes do trabalho. Vale a pena conferir, lendo-o. O leitor vai encontrar muitas observações extremamente interessantes e questionadoras. De novo, deixo aos exegetas conferir a exatidão de muitas interpretações de textos bíblicos. Em todo caso, é um livro sugestivo, crítico, que não deixa o leitor passivo. Questiona-o na sua interpretação tradicional do cristianismo.

É um livro que precisa ser pensado, sopesado. Interessante objeto para discussões e trabalho em grupos, já que tem teses provocantes. É certamente produzirá caloroso diálogo.

J.B.L.

---

CATÃO Francisco: *Religião e trabalho*. - São Paulo: FTD, 1991. 72 pp., 21 x 14 cm.

(Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0406-6

MARTINS, José Pedro Soares: *Depois do arco-íris: uma proposta ecológica*. — São Paulo: FTD, 1991, 102 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0408-2

Os temas do trabalho e da ecologia numa perspectiva religiosa ocupam a atenção dos autores desses dois pequenos livros, mas de densidade, pertinência e atualidade. Catão, em rápidas pinceladas históricas, mostra como o trabalho e a sexualidade — desenvolve somente o primeiro —, são duas realidades humanas fundamentais e que sempre estiveram, de certo modo, na cultura humana, vinculadas ao sagrado. Ambas dizem respeito direta e principalmente à vida, a realidade sagrada por excelência.

A secularização do trabalho lhe veio por causa do processo de divisão do trabalho. Nela está a origem da perda de sua dimensão sagrada e também, em muitos casos, de seu aviltamento.

Diferentemente de outras religiões, o judaísmo e o cristianismo atribuem importância e valor ao trabalho humano. No cristianismo, sobretudo, o exemplo de Jesus, seu fundador, e de Paulo, o grande missionário, revela a dignidade do trabalho. Ambos trabalharam com suas mãos. Na tradição cristã, o trabalho foi valorizado. Fundadores de ordens religiosas transmitiram aos membros de suas congregações a estima e importância do trabalho, ainda que fosse unicamente em espírito de penitência e purificação.

Na Idade Moderna, houve o grande divórcio entre o trabalho e a religião. A defesa da dignidade do trabalhador, o chamado a uma solidariedade operária, a luta pelo direito a um trabalho em condições dignas, deslocam-se do âmbito do cristianismo para o movimento operário que se inspirará fundamentalmente em pensadores hostis à religião, tais como K. Marx e outros. Entramos numa civilização do trabalho.

Nessa nova civilização, o trabalho torna-se tema central de reflexão sob dois ângulos. Sob o ângulo objetivo, ele é visto como transformador da natureza para propiciar aos

homens os meios de sobrevivência, desenvolvimento e conforto. Sob o ângulo subjetivo, ele é visto como realidade que pertence à auto-realização do ser humano. Entram em pauta na agenda da luta humana temas como o direito ao trabalho, a dignidade do trabalho que exige condições humanas de trabalho, justo salário, participação nos benefícios sociais.

O A. termina relacionando o trabalho com o Reino de Deus, indicando elementos de uma teologia do trabalho. É um livro límpido, claro, bem escrito, leve, mas que traz substanciosos elementos para uma reflexão e compreensão da temática do trabalho numa perspectiva religiosa. Os alunos mais maduros e os professores de cultura religiosa encontrarão material abundante, bem elaborado e de fácil uso para suas reflexões.

J. Martins, de maneira concisa, apresenta criticamente, de um lado, o projeto inumano do atual sistema capitalista sobretudo no referente à destruição da vida do homem e da natureza, e, de outro, desenha algumas linhas do projeto alternativo ecológico, naquilo que ainda é utópico e naquilo que já vem sendo realizado.

As críticas já são assaz conhecidas, mas sua sistematização breve permite uma tomada de consciência mais aguda de sua gravidade. O A. consegue reunir em páginas densas elementos críticos dispersos de maneira que o retrato resultante é abrumador. Traça num primeiro momento o perfil da crise econômica em dimensão internacional, da crise ecológica, da crise espiritual, do monstro do narcotráfico. Num segundo momento, detecta e analisa as causas e os atores mais importantes de tal crise: as corporações transnacionais, o poder do sistema financeiro, os donos da energia, os senhores das armas, os produtores de alimento, os donos da terra, os meios de comunicação social, a burocracia tecnocrata.

Este duplo quadro — crise e atores — permite uma percepção da gravidade e dureza da situação atual. O livro não deixa o leitor na obscuridade dramática da realidade, mas descobre sinais de esperança no campo da ecologia, prisma sob o qual estuda a problemática.

Estes sinais vêm da luta por uma nova ordem econômica internacional, da emergência do movimento ecológico, do avanço do pacifismo, da mobilização dos povos indígenas e a seu favor, da força do movimento negro, do movimento feminista, do socialismo renovado.

Também sob este mesmo prisma faz, ainda que muito simplificadamente, uma análise da atual conjuntura da Igreja católica identificando dois movimentos em seu seio: Um movimento restauracionista neoconservador e um movimento libertador. Delineia com rápidos traços o novo modelo de Igreja que está nascendo com as comunidades eclesiais de base. Dedica algumas páginas também à face de neocristandade do protestantismo atual.

O livro termina com a descrição concisa do projeto em favor da vida. Chama-o de ecossocialismo, que vem a ser uma síntese bem sucedida de vários movimentos como o do ecodesenvolvimento, do respeito à cultura e ao espírito, do ecofeminismo, do ecopacifismo, da ecopolítica.

Merece também ser lido. Rico em informações. Traz pequenas análises com pertinência. O estilo, a natureza do livro não permitem uma análise mais matizada. Por isso, os contornos aparecem um pouco rudemente. Às vezes, beiram a caricatura. Entretanto, dentro dos limites do tipo de literatura, o leitor pode encontrar elementos provocantes

para ulteriores reflexões e críticas mais detalhadas e, assim, pensar ações coerentes e pertinentes em direção a uma sociedade alternativa no espírito da ecologia.

J.B.L.

---

MO SUNG, Jung: *Experiência de Deus: ilusão ou realidade?* - São Paulo: FTD, 1991. 103 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: biblioteca de ensino religioso) ISBN 85-322-0407-4

A coleção *Biblioteca do Ensino Religioso* pretende oferecer aos leitores livros acessíveis de autores de renome, visando a "alargar as bases, às vezes demasiado acanhadas, em que se apóia nosso conhecimento de religião" (4ª capa). O presente livro consegue preencher perfeitamente o intento.

O A. fala da experiência de Deus não pelo "caminho de 'verdades abstratas' que pouco ou nada têm a ver com nossas vidas", mas pelo "caminho existencial e histórico" (12). Experiência é definida como "um acontecimento que modifica nossa vida, passa a fazer parte de nossa existência e dela temos consciência" (14). O A. trata primeiro de lançar suspeitas, "desconfiar" de experiências que nos são apresentadas comumente como experiência de Deus (cap. II) e perguntar pelos argumentos do ateísmo (cap. III), para depois empreender o caminho da descoberta da experiência de Deus nas situações-limite (cap. IV) e, em especial, na experiência-limite do amor que é praticamente o tema da segunda metade do livro (cap. V a VIII). O A. não se detém numa suposta experiência de amor intimista, mas consegue, de forma feliz, partindo do amor pessoal, chegar ao amor social, mostrando que a estrutura da verdadeira experiência de amor inclui sempre a abertura ao diferente. O cap. IX oferece um balanço da aventura de entregar-se à experiência de Deus. No final indicam-se algumas leituras complementares.

Apesar que tratar de um assunto tão complexo e difícil, o A. consegue expressar-se de forma simples, acessível a pessoas sem maior formação teológica ou espiritual cristã. É um livro de agradável leitura, escrito num estilo leve, ilustrado por muitas "experiências" pessoais do A. que facilitam a compreensão e tornam a leitura amena. Vale a pena recomendá-lo a pessoas que se põem a pergunta por Deus, e a todo cristão adulto de formação média que deseje "dar razão de sua esperança". Pena que seja tão difícil encontrar uma livraria onde comprar livros da editora. Experiência do recenseador.

F. T.

---

*A Formação do Povo de Deus.* - São Paulo: Loyola, 1990. 164 pp., 21 x 13,8 cm. (Coleção: tua palavra é vida; 2) (Co-edição: CRB, Rio de Janeiro)

Com este volume, a CRB - Nacional dá continuidade a seu projeto de formação bíblica dos(as) religiosos(as) brasileiros(as), em vista da celebração dos 500 anos de evangelização da América Latina. O primeiro volume foi de caráter didático-metodológico (cf. PT 22 [1990]). O método é agora aplicado, de maneira sistemática, aos livros da Bíblia.

No momento, estudam-se o Gênesis, Êxodo, Deuteronômio, Josué, Juízes, perfazendo os cinco capítulos do livro. O capítulo sexto — “subsídios especiais” — consta de cinco apêndices de diferentes caracteres. O apêndice 1 — “A Bíblia no processo de formação à vida religiosa” — é de autoria de Camilo Macice (atual superior geral da congregação dos carmelitas). Seu ponto de partida é o documento conciliar *Perfectae Caritatis*, que insta os/as religiosos/as a terem, diariamente, “em suas mãos a Sagrada Escritura”. O A. estabelece as coordenadas metodológicas pelas quais o (a) jovem religioso (a) deve ser introduzido nos estudos bíblicos. O apêndice 2 — “As quatro tradições do Pentateuco” — explicita as fontes literárias do Pentateuco (javista — eloísta — deuteronomista — sacerdotal), das quais se faz largo uso nos capítulos anteriores. O apêndice 3 — “Dois livros pouco conhecidos: Levítico e Números — é uma brevíssima introdução a estes dois livros do Pentateuco, não considerados no esquema do livro. Os três mapas inseridos nas páginas 26, 56 e 100 são considerados o apêndice 4. O apêndice 5, na forma de encarte, é a linha do tempo da história do povo de Deus.

Os capítulos principais são sempre divididos em duas partes. A primeira consiste numa introdução histórico-literária-teológica ao livro em questão e na indicação de chaves hermenêuticas para sua leitura. A segunda comporta uma série de roteiros e subsídios para o estudo de textos seletos, importantes para a compreensão do livro estudado.

O método de leitura bíblica proposto é extremamente dinâmico. O presente da América Latina, com toda sua carga de opressão, a situação do povo de Deus, até o cativeiro babilônico, quando o Pentateuco foi concluído, a experiência de Jesus Cristo e da comunidade primitiva vão se entrecruzando. Esta visão dinâmica da história torna-se um apelo para o engajamento. Em última análise, trata-se da vivência da vocação cristã e religiosa que “se explica e se justifica à luz do chamado à vida e libertação que Deus oferece aos pobres cujo clamor Ele escuta” (47). A obra prima também pela leitura intra e intertextual das perícopes bíblicas, pelo uso dos dados da moderna exegese a respeito dos livros estudados, pela valorização da mulher na Bíblia e na sociedade, pela linguagem poético-simbólica, pela dimensão pastoral que descubra nas entrelinhas do texto sagrado.

Algumas observações. A afirmação de que as histórias contidas no Gn e “transmitidas oralmente durante séculos” só “começaram a ser escritas no cativeiro da Babilônia, no século VI a.C.” (13) não é correta. Nesta época, deu-se sim “a redação final” (35). Esta correção fica patente no decorrer na leitura.

A tradução do nome divino, revelado a Moisés, com a expressão “Estou que Estou” ou “Tôketô” (61) não podia ser mais infeliz. O sentido da expressão, na linguagem popular, não é preciso. Quanto sei, não corresponderia à expressão hebraica veterotestamentária de Ex 3,14.

Os indígenas “hospitalizados” (84) talvez tivessem sido, de fato, “hostilizados”.

Os “Conselhos Ecumênicos” (141) são “Concílios Ecumênicos”. O terceiro volume da coleção — “A leitura profética História” — já foi publicado. Consta-nos que está muito bem feito. Em todo caso, resta-nos dizer uma palavra de incentivo e apoio à CRB-Nacional pelo excelente serviço que vem prestando aos religiosos no campo da leitura bíblica. Não existe caminho melhor de preparar os (as) religiosas (as) para a tão propalada Nova Evangelização.

J. V.

*Bibliografia bíblica latino-americana*. Vol. 3: 1990. / Coord. Milton Schwantes. - São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, Vozes, 1991. 379 pp., 21 x 14cm. ISBN 85-326-0460-9

O terceiro volume da utilíssima BBLA registra as obras — livros e artigos — publicadas na América Latina no ano de 1990, além das “atrasadas” de 1988 e 1989, referidas em índices remissivos próprios. Para quem não conhece este instrumento, informamos que possui índices de autores, de referências bíblicas e de temas, o que torna a consulta bastante prática. Quanto aos títulos bibliográficos referidos, observe-se que são bem completos, trazendo uma indicação do gênero literário (livro, ensaio ou reflexão) e uma breve sinopse — assinada — do conteúdo. Como a iniciativa nasceu no âmbito da leitura bíblica dita “latino-americana” e popular, são devidamente compulsadas as revistas de leitura bíblica popular, muitas vezes desconhecidas nos círculos acadêmicos.

Para aumentar mais ainda a utilidade, sugerimos que, no próximo volume, a BBLA inclua a lista das revistas compulsadas, com os endereços, permitindo verificação da representatividade, complementação e contatos com as mencionadas revistas.

J.K.

---

FRANKL, Viktor E: *Em busca de sentido*. Um psicólogo no campo de concentração. / Tradução (do alemão) W.O. Schlupp e C.C. Aveline; revisão H.H. Reinhold. - São Leopoldo: Sinodal 1991. 136 pp., 21 x 14cm. (Coleção: logoterapia; 3). ISBN 85-233-0274-3 (Co-edição: Petrópolis: Vozes ISBN 85-326-0626-1)

A atenção por Viktor Frankl está ainda crescendo nos meios psicológicos, no momento em que se procura uma alternativa à desconstrução à qual certa psicanálise pode dar ensejo ou à máquina do suicídio sem dor, último invento de uma civilização sem sentido. F. procura exatamente reconstruir o sentido da vida com os fragmentos de um sentido frustrado, em analogia com a obra de seu predecessor na Universidade de Viena, Sigmund Freud, a respeito da frustração sexual.

O livro consiste numa parte autobiográfica, lembranças do campo de concentração de Auschwitz (“Em busca do sentido”, publicada originalmente em 1977) e de uma parte sistemática, ajudando o leitor a tirar as conclusões e compreender o método de F. (“Conceitos fundamentais da logoterapia” — 1984). O último capítulo sintetiza o conjunto numa interpretação abrangente da existência (“A tese do otimismo trágico” — um pós-escrito de 1984).

O *logos* que constitui a chave da terapia frankliana é o sentido incondicional da vida, que, muitas vezes, não se trata de construí-lo, mas de aceitá-lo. Nisto, F. se distingue radicalmente do existencialismo amigo do absurdo que conhecidos contemporâneos seus confessaram. O veio bíblico que muitas vezes vem à tona no livrinho não deve ser alheio a isso. Citemos (quando, sem comunicação, pensa em sua esposa): “As circunstâncias externas não conseguem mais interferir no meu amor, na minha lembrança e na contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada. Se naquela ocasião tivesse sabido: minha esposa está morta — acho que este conhecimento não teria

perturbado meu enlevo interior naquela contemplação amorosa. O diálogo espiritual teria sido igualmente intenso e gratificante. Naquele momento me apercebo da verdade: 'Põe-me como selo sobre o teu coração... porque o amor é forte como a morte.' (Cantares 8,6)" (44). "Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-Nosso ou o *Shemá Yisrael*" (114).

Um livro que, antes de uma teoria psicanalítica, nos mostra o ser humano, especialmente os oprimidos do momento mais escuro do século XX, oprimidos que se tornam mestres de humanidade.

J. K.

---